



# Ricardo Neves-Neve

## A imaginação ao palco

MARIA LEONOR NUNES

■ Há séculos que todos os anos, na altura da Páscoa, a tradição se repete em Loulé. E a partir dela, Ricardo Neves-Neves (RNN) criou *Soberana, Mãe Soberana*, que O Teatro do Elétrico irá estrear a 21, no Cine-Teatro Louletano. “É uma procissão muito especial, que inclusive tem algumas características mais ‘salerosas’, porque, durante a Guerra Civil de Espanha, houve espanhóis que vieram para o Algarve, fixando-se muitos em Loulé, acabando por influenciar essa tradição secular”, adianta o encenador ao JL. “E tem muitas especificidades. O andar pesa 400 quilos, são os homens da cidade que o carregam e levam-no fazendo uma espécie de dança, o que faz com que, no meio de enfeites soltos de flores, a imagem pareça também dançar”. É mesmo uma procissão feita a correr cerro acima. “É incrível, porque são milhares de pessoas a correr com os homens que levam aquele andar muito pesado”, acrescenta. “E, às tantas, as forças começam a faltar a alguns, que são levados em braços pelo ar”. A procissão, que na verdade são duas, a pequena no dia de Páscoa, e a grande, 15 dias depois, é, aliás, da particular estima da comunidade masculina de Loulé. “Há uma figura a que se chama Mãe Soberana e curiosamente são os homens que fazem um movimento, quase uma comunidade secreta, que se reúne ao longo do ano para preparar este acontecimento social e religioso”, adianta ainda RNN. “Não quer dizer que sejam devotos, mas envolvem-se neste ser religioso sem o ser, muito característico da comunidade algarvia”. Uma singularidade desta festa religiosa, quase “dionisíaca”, que vai estar “contextualizada historicamente” no espetáculo, tal como a “população em discurso direto”, já que foram feitas muitas horas de entrevistas, recolhendo os testemunhos dos louletanos. Memórias a que Ana Lázaro, autora do texto, juntou alguma ficção, misturando-se ainda o repertório musical da própria procissão com temas originais. Em palco vão estar 15 atores e uma banda de oito músicos que irão tocar ao vivo. *Soberana* é um espetáculo que corre entre o tradicional e a imaginação. E é justamente a imaginação aquilo que Ricardo Neves-Neves mais valoriza no teatro, a “capacidade de criar coisas que não existem, mesmo que seja a partir do que existe”, afirma.

“Neste caso, há, por exemplo, dois acontecimentos que usamos, os terramotos de 1755 e de 1969, e criamos situações ficcionadas a partir de uma base real muito sólida. Interessa-me esse lado fantástico”. Foi um trabalho de criação que implicou “espanto e a descoberta de mil e uma coisas” para RNN, ainda que fosse um universo relativamente familiar ao ator e encenador, que nasceu em Loulé em 1985, e, em criança, acompanhou muitas vezes a procissão. “Emociona-me também tratar uma temática popular da minha terra, estar a falar sobre os meus pais e amigos, e pessoas que não conheço mas que identifico pelo modo de falar, pelo comportamento”, salienta. “E sinto-me feliz por fazer este espetáculo, que é compreendido por essas pessoas e que é raro, porque não é todos os dias que se podem ver espelhadas num palco”. Ao construir *Soberana*, RNN compreendeu também como as pessoas continuam a necessitar deste tipo de manifestações comunitárias, sociais e também religiosas. “Precisam do encontro”, sublinha. “Por mais telemóveis, computadores, internets que se inventem, continuamos a precisar sempre uns dos outros”. Uma reflexão que está presente no espetáculo. “As personagens conhecem-se, mas ninguém sabe o nome umas das outras. É um fenómeno das cidades médias como Loulé. Aconteceu estarmos a fazer uma entrevista a alguém, num banco de jardim, e de repente tinham-se juntado três ou quatro. E toda a gente se conhecia, mesmo sem saber como se chamavam, e no fim foi cada um para seu lado, sem sequer se despedirem”, observa RNN. “É o típico caso de pessoas que partilham a mesma cidade e se cruzam diariamente, mesmo sem grande intimidade, mas bem diferente, por exemplo, do que se passa em Lisboa, em que podemos passar semanas sem ver os nossos vizinhos”.

### EFEMERIDADE FRUSTRANTE

O espetáculo resulta de um convite da própria Câmara Municipal de Loulé, que tem apoiado o Teatro do Elétrico. Em 2017, fizeram um outro espetáculo, *Freguesia*, sobre Quarteira, e a encomenda municipal repetiu-se agora. *Soberana Mãe Soberana* terá três representações. O Teatro do Elétrico tem apresentado, de resto, os seus espetáculos, como é o caso de *Alice no País das Maravilhas* e *Banda*



Soberana Ensaio de uma peça sobre uma procissão tradicional de Loulé

Sonora, estreados em Lisboa, no Cine-Teatro Louletano, sempre com casa cheia. “Gostariamos de perceber se nas terras mais pequenas será possível mais do que uma apresentação e criar mesmo temporadas que só existem em Lisboa e no Porto, mas cada vez mais pequenas”, diz RNN. “E a verdade é que há público e curiosidade pelo teatro. É a prova que se calhar desperdiçamos espetáculos que andamos a engavetar e a arquivar ao fim de poucas representações e que muita gente gostaria de ver”.

A cada vez mais acentuada efemeridade do teatro é uma das “frustrações” do ator e encenador. “É triste. Temos uma relação muito estranha com os espetáculos”, sustenta. “Passamos muito tempo a criar uma coisa nova e depois há o dia da estreia, uns poucos dias pelo meio e desmontamos tudo. Para os artistas, não é de todo bom e o público também se queixa”. E acrescenta: “O teatro é sempre efémero e só fica na memória dos espectadores, mas uma coisa é fazer três apresentações, outra 50. E quero que os espetáculos que faço vivam no maior número de memórias possível”.

A *Menina do Mar*, que RNN foi convidado a encenar para integrar as comemorações do centenário de Sophia de Mello Breyner Andresen, um “espetáculo luminoso”, conforme assevera, continua em digressão no país, voltando a ser reposto provavelmente em Lisboa, depois do verão. Tal como Catamarã, também para crianças. Ricardo Neves-Neves, que foi recentemente convidado pelo Teatro São Carlos a dirigir uma ópera – na sequência de uma outra que encenou, no Trindade –, vai entretanto começar a escrever uma peça para estrear em fevereiro do próximo ano, no Teatro São Luiz, em Lisboa. Chamar-se-á *A Reconquista de Olivença* e terá música original de Filipe Raposo. “Vamos brincar com a questão dos enclaves que existem por todo

o mundo, fantasiar à volta da política, do poder, da monarquia europeia”, adianta. O Teatro do Elétrico, por outro lado, já tem agenda cheia até 2023. E sendo uma estrutura muito “frágil”, só com duas pessoas – Mafalda Simões, além do próprio Ricardo Neves-Neves – arrisca sempre produções arrojadas, que envolvem muita gente. Foi sempre assim ao longo de uma década de existência, e só desde 2016 a trabalhar com apoios oficiais.

Durante muitos anos ensaiaram na casa do próprio encenador e chegaram a fazê-lo no Jardim do Torel. No meio de um calendário repleto de novas criações e reposições, Neves-Neves anseia por “estabilidade”. E por um espaço de ensaio, de escritório. Se fosse também de apresentações, seria “ouro sobre azul”, confessa: “Adoraria ter a liberdade de ter um sítio onde pudesse continuar a apresentar os espetáculos até que houvesse público para os ver” ■